

EDUCAÇÃO INFANTIL EM GUINÉ BISSAU E BRASIL: NARRATIVAS, MEMÓRIA E CURRÍCULO.

Kamila de Alencar Matos
Luís Távora Furtado Ribeiro

Universidade Federal do Ceará – UFC
Email: kamilaalencarmatos@hotmail.com
Email: luistavora@uol.com.br

Resumo: Situado no campo da história, das narrativas e da memória da educação, o presente texto discute o ingresso de sete crianças de origem africana, nascidas no Brasil, em processo de alfabetização em uma escola situada no bairro Montese, na cidade de Fortaleza-Ce. Objetivamos compreender sua inserção na escola, seu processo de alfabetização na leitura da palavra e nas mudanças de mundo, adaptação ao país e as novas culturas, destacando a importância da memória e das narrativas para a manutenção de sua cultura. A escolha da temática se justifica pela quantidade significativa de alunos que a Escola Municipal Vicente Fialho vem recebendo nos últimos três anos e as mudanças da proposta curricular no município de Fortaleza, fazendo que as famílias passem a vivenciar e atuar no processo educacional de suas crianças, de forma mais efetiva e significativa para o seu processo de aprendizagem. É de grande relevância o compartilhar de informações e ideias, à medida que buscam investigar aspectos da cultura popular, da vida em comunidade, sublinhando ainda a identidade de um povo, ao atentar para seus costumes, religiosidade e tradições, enfim, nuances que dizem respeito à constituição social da memória que vêm sendo construída desde as crianças até os próprios adultos envolvidos na temática. Por essa razão nos questionamos: A história e a memória das crianças surgem a partir do seu processo de alfabetização? Trajetória de vida dessas famílias e os traços da sua vinda ao Brasil, o que levou as famílias a essa mudança? Análise de textos, desenhos e relatos orais como construção do conhecimento e sua identidade? Para responder aos questionamentos, fizemos uso da literatura especializada na temática, bem como entrevistamos as famílias Africanas, professores, coordenadores da escola supracitada. Concluímos preliminarmente que a adaptação e nova forma de vida e novas culturas tem proporcionado as seguintes famílias uma melhora substancial, comparado ao vivido e ao cenário atual de seu país de origem.

Palavras-chave: Educação Infantil, África, Narrativas, Memória e Currículo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata das narrativas e histórias de vida de famílias de origem Africana que estão morando no Brasil, na Cidade de Fortaleza-Ce, em busca de uma melhora de vida, a promoção de uma educação de qualidade e gratuita e a possibilidade de um recomeço. Sua trajetória de adaptação a nova cultura, o processo de alfabetização e ingresso de suas crianças à escola, o convívio com outras crianças de origem brasileira e novas formas de leitura de mundo fazem com que desperte o desejo e curiosidade para tal escrita e pesquisa.

Nos últimos sete anos, com a chegada da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) na região do

Maciço de Baturité, na cidade de Redenção tem ocasionado um aumento significativo de Africanos e suas famílias em nossa cidade. Tudo isso ocorre por conta da citada instituição nascer baseada nos princípios de cooperação solidária, em parceria com outros países, principalmente os africanos, com o intuito de desenvolver formas de crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado.

Essa oportunidade de estudo e, conseqüentemente a uma melhoria substancial de vida, comparado ao que estava sendo vivido em seu país de origem, tornou a cidade de Fortaleza o destino frequente para Africanos oriundos de países como a Guiné Bissau, sendo este a origem de todas as famílias da presente pesquisa em desenvolvimento.

Para o presente trabalho, traçamos como objetivo geral e específicos: compreender a história e a memória das crianças a partir do processo de alfabetização, compreendida pela análise de textos, a escrita e leitura, desenhos e os relatos orais. Os impactos que levaram a sua saída do país de origem para o Brasil e revelar os possíveis conflitos e impactos com a chegada ao Brasil.

2 AS CRIANÇAS DE GIUNÉ BISSAU E A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, sendo de grande importância para a criança por constituir as primeiras experiências de ação educativa, externas à família, que ela vivência. Tendo como finalidade a promoção do desenvolvimento integral dessa criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, afetivo, intelectual e social (LDB, 1996), a educação infantil precisa cumprir essa missão com o compromisso de tornar essencialmente satisfatórios seus espaços, tempos e ações.

O ambiente de observação e pesquisa dessas práticas acontecem na EMEIF - Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Vicente Fialho, situada no bairro Montese, na cidade de Fortaleza. É uma escola de boa localização e que vem se destacando na Secretária Municipal de Educação por seu trabalho, em especial, na educação infantil, buscando trabalhar um currículo de maior inserção das famílias, uma educação participativa e dialogada visando garantir o direito de aprendizagem e desenvolvimento da criança de forma integral.

As crianças da presente pesquisa são do infantil I, II e III, com faixa etária entre dois e três anos de idade, com iniciação ao processo de alfabetização, construção da identidade, desenvolvimento da autoconfiança e das funções sociais, cognitivas,

da autonomia, independência, cooperação e solidariedade, todos esses exemplos presentes na proposta curricular da educação infantil da rede municipal de ensino de Fortaleza.

Em 2016, a proposta Curricular para a educação infantil passa por uma reformulação e traz uma proposta com uma base comum plural, que vai subsidiar a construção da proposta de cada unidade escolar, considerando o contexto da instituição, da comunidade e de cada criança.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, “o campo da Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças”.

A coordenadora da educação infantil relata que a intensa procura das famílias Africanas pela escola se justifica pelo trabalho que vem sendo desenvolvido por ser referência no bairro e por conta das famílias morarem bem próximas a escola, facilitando o acesso e evitando a evasão. De 2015 aos dias atuais, já foram mais de 15 crianças matriculadas, é importante salientar o compromisso dos pais em participar das atividades escolares junto aos filhos para que assim, percebam que a escola é uma extensão de casa. Segundo relato, os pais e as mães têm grau de instrução em seu país de origem, boa parte tem nível superior e destacam que a educação é meio de transformação de vida.

Segundo a proposta curricular para a educação infantil da rede municipal, a responsabilidade da família com o processo de escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecida na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), no artigo 4º, estabelece que “é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público, assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) aponta no artigo 1º que, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. O artigo 2º do mesmo documento ratifica que a educação é dever da família e do Estado, e o artigo 12, Inciso VI, dispõe que “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino terão a incumbência de articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”.

O nosso contato com o núcleo gestor da escola nos momentos de coleta de dados, conversas formais, relatos informais e entrevistas, destacam a importância de terem esses alunos em convívio com os outros, tendo como consequência a pluralidade cultural, a troca de experiências com as famílias, como resalta a própria lei: “As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios no campo da Ética: a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade e o respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades”.

É importante situar que o contexto educacional na África atual é de grande crise, o que justifica essas famílias se adaptarem e gostarem tanto do nosso modelo de educação. Segundo o site Lusofonias da Educação, neste país o ensino “é progressivamente gratuito”, havendo taxaço nos primeiros anos escolares, ausência de taxaço no ensino básico e novas cobranças a partir da 7ª série. A importação de livros escolares também é ausente de taxas, o Ministério da Educação disponibiliza, em média, 2,14% do PIB à educação, aplicando nos níveis Pré-Escolar (de 1 a 3 anos), Básico (1ª a 6ª série), Secundário (7ª a 9ª série) e Técnico Profissional (a partir do 10ª ano), distribuídos em 1.902 escolas no país. A perspectiva é de que, em 2029, o país atinja a meta de destinar 23% do seu PIB em educação.

Os dados revelam que as taxas de analfabetismo por pessoas com 15 anos ou mais é de cerca de 49% da população, sendo que destas, 65% são mulheres da zona rural. Quanto às políticas de inclusão, grande parte de meninas e mulheres estão fora da escola, sendo em sua maioria analfabetas. A evasão e defasagem chega a cerca de 29% de pessoas em idade escolar estão fora do sistema de ensino. Já o financiamento é cerca de 2,14% do PIB que são destinados à educação neste país, e a formação e contratação de professores existe uma demanda de cinco mil professores. O salário mínimo dos professores varia de 50 a 150 euros.

NARRATIVAS E MEMÓRIA

A história ao longo do tempo vem mostrando e reafirmando a importância de manter viva o registro das suas civilizações, de seus personagens e de suas tradições com a evolução ao longo do tempo. Junto com a história, a memória deixa claro a importância de conservar certas informações, de passar para as próximas gerações, perpetuando os hábitos e culturas.

Sem memória não existe história. Nesse sentido, a memória representa a capacidade humana de registrar, conservar e transmitir, para os demais indivíduos, tudo aquilo que já foi anteriormente construído pelo conjunto dos homens, em suas produções materiais e intelectuais, nos diferentes estágios de evolução da humanidade.

Em outras palavras, ela tem como função o registro do presente e a conservação do passado, ao mesmo tempo em que produz elementos para transmissões futuras. Assim, em sua composição, encontramos uma combinação de antigas lembranças com novas experiências, responsáveis por dar continuidade à historicidade da vida, seja ela individual ou coletiva. A memória, sobretudo, é a imagem que permanece viva de tudo aquilo que os seres humanos conseguem lembrar e esquecer.

As culturas primitivas, anteriores ao advento da escrita, tentavam explicar a realidade e dar sentido à experiência que herdavam de seus antepassados através da narrativa oral, isto é, do tipo de história que se conta de geração para geração, em festas ou rituais, sem necessidade da leitura. As narrativas mitológicas que tiveram a importância de sugerir explicações satisfatórias para os povos primitivos e antigos, desenvolviam-se exatamente desta forma, por meio da oralidade.

O aparecimento da escrita está ligada com a profunda transformação da memória coletiva e com a necessidade de desenvolvimento da economia e da sociedade, que estavam ocorrendo principalmente no Oriente Médio. A primeira forma de escrita registrada, é a cuneiforme, na qual evoluiu dos registros de tempo e de trabalho. Por volta do ano 3.000 a.c, na Mesopotâmia, os sumérios desenvolveram uma escrita silábica para representar a língua suméria falada, método adotado também pelos acádios e que levou a criação dos alfabetos.

Para o historiador Jacques Le Goff:

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável e a segunda forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita”. (LE GOFF, 2014, p. 431).

As sociedades têm simultaneamente a memória oral e a memória escrita, passando cada uma por transformações importantes, como a alfabetização e o armazenamento das informações para as sociedades futuras. Houve uma evolução, como justifica Le Goff:

É claro que a passagem do oral ao escrito é muito importante, quer para a memória, quer para a história. Mas não devemos esquecer que: 1) oralidade e escrita coexistem em geral nas sociedades e esta coexistência é muito importante para a história; 2) a história, se tem como etapa decisiva a escrita, não é anulada por ela, pois não há sociedades sem história. (LE GOOFF, 2014 p. 53).

A narrativa assim como a escrita da história tem uma função simbolizadora, permitindo a sociedade se situar na linguagem do passado e abrindo um espaço ao presente.

De Certeau:

Expressa de um modo próprio a questão do esquecimento na história como ausências, construções desaparecidas a serem configuradas por uma interpretação que é indissociável da forma escrita que toma, por uma narratividade que possa expressar a memorização das potencialidades recalçadas no passado, que não significaria propriamente dar vida às figuras apagadas, no sentido de reencontrar sua origem ou sua verdade primeira, mas que consistiria numa configuração atenta para o que poderia haver de inaudito na história, de não-dito, nos acontecimentos que foram objetos do esquecimento. (DE CERTEAU, 1982, p. 107).

As narrativas orais não podem ser percebidas como invenções particulares, uma vez que mesmo se configurando como histórias pessoais são influenciadas, indubitavelmente, pela voz narradora, seu meio de interação, suas ordens morais, sociais e outros aspectos de tamanha relevância. É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade.

Nesse sentido, Walter Benjamin (1980) entenderá a narrativa como transmissão de experiências entre gerações, consoante o movimento coletivo de tradições, ao relacionar fatos narrados com fatos vivenciados, não sendo possível conceber narrativa alinhadas da ideia de memória. O narrador, incumbido do trabalho de lembrar, ainda que nos relate histórias marcadas por visões de mundo próprias e peculiares, transcende a memória individual, sendo a memória sempre coletiva e, portanto, social, formada, como se quer reiterar, na esteira do grupo a que pertence.

Essas crianças não irão conviver com outros parentes, como avôs e avós, a não ser seus pais, como referência e com a incubência de perpetuar os ensinamentos, Ecléa Bosi (2004), em seu importante estudo Memória e sociedade: lembranças de velhos, remete à função social do velho, de lembrar, aconselhar, como um elo entre o passado e o porvir, reclama o estilhaçamento da lembrança na sociedade. Segundo a autora, essa falta de convivência e trocas, acabam deixando lacunas no desenvolver do indivíduo, o que será um reflexo em sua vida adulta.

A autora, Bosi (2004) reitera a ideia de memória individual sintonizada com os grupos sociais: família, escola, igreja, os quais ajudam a delinear as lembranças que figurarão como referências do sujeito. Ao perscrutar um estudo da memória, levemos em conta a inserção dos fatores sociais, na qual opta por direcionar seu trabalho às lembranças das pessoas idosas, dado que elas já tiveram a experiência de percorrer toda uma sociedade, com todas as suas marcas e características.

METODOLOGIA

O presente trabalho é de natureza qualitativa e quanto aos fins é descritivo, a partir da ação de ouvir as famílias, os professores e o núcleo gestor da escola, identificando o desenvolver das crianças na escola, a evolução na aprendizagem, sua vida na comunidade, sua adaptação em um solo que não é sua terra natal e tudo que possa permeiar. Esta ação em ouvir os personagens e suas histórias de vida a partir da análise de suas respostas, levam o mesmo a sentir-se sujeito participante e ativo “na partilha de suas experiências pelo diálogo, abre caminhos para uma participação responsável” (SCHRAM E CARVALHO, 2015, p.03). Efetivando o processo educacional de inserção do sujeito e valorização de sua experiência, conhecimentos e apropriações. Schran e Carvalho nos dizem mais sobre isso:

Tal afirmativa conduz a realização de uma prática pedagógica não apenas ao nível da escola, mas também, da comunidade de inserção dos sujeitos, portanto a valorização da experiência cotidiana como forma de transformação na medida em que se torna capaz de responder às necessidades, nas próprias especificidades culturais. (SCHRAM E CARVALHO, 2015, p. 03).

Utilizaremos também o método de pesquisa-ação, a partir de uma bibliografia da categoria de análise escolhida e visitas a escola e casa das famílias. O caminho das entrevistas terá como foco as histórias de vida das sete famílias, o ouvir falar dos filhos, do cotidiano, os relatos da sua terra natal e de como era sua vida lá.

Para responder a essas questões realizamos pesquisas em fontes bibliográficas relacionadas à temática e o registro das observações por meio de um diário de campo e análise de narrativas.

Na verdade, o trabalho é um recorte da nossa pesquisa de mestrado em educação

que está em andamento e investiga tudo que já foi colocado no presente texto e busca corresponder a todas as expectativas.

CONCLUSÃO

O estudo evidencia a partir da pesquisa em andamento que a oportunidade de convivência e troca entre os personagens e indivíduos citados, faz com que a educação vá além das paredes da escola e perpassa a proposta curricular. A cada dia a escola vive em um novo mundo de possibilidades de aprendizagem, e vem proporcionando isso aos seus alunos. As famílias se sentem seguras com a nova casa, a acolhida e as oportunidades que aqui encontraram.

O trabalho que vem sendo feito na escola Vicente Fialho serve como referência a outras escolas, na forma com a educação vem sendo trabalhada, a forma de inclusão e a pluralidade cultural. Há relatos que o dissipar de informações sobre o nosso país e a vida que se tem aqui, faz com que nossa cidade receba mais imigrantes do continente Africano em busca de tudo que foi colocado e a superação de si mesmo, quando se fala em começar de novo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17/12/2009. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, (Versão Preliminar) 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf> Acesso: 07/09/2017.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em < www.planalto.gov.br>. Acesso em: 07/09/2017.

DE CERTAU, Michel. (1982) **A escrita da história**. Rio de Janeiro, Forense.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em www.planalto.gov.br. Acesso em: 07/09/2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão- 7º ed. revista- Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2013.

SCHRAM, Sandra Cristina, CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O pensar educação em Paulo Freire: para uma pedagogia de mudanças**. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em: 15 abril 2015.

Sites pesquisados

<https://cooplusofonoseduacao.wordpress.com/paises/guine-bissau/> Acesso em: 07/09/2017.